

Em 1898, no Estado de São Paulo, a febre amarela atingiu seu clímax.

Campinas, onde ela surgiu por volta de 1888 (60), (61), foi o berço das experiências e, por conseguinte, das medidas novas de profilaxia inauguradas por Emílio Ribas, quando lá, desde 1896 (62), vinha lutando resolutamente para a extinção do mal.

Em se falando de febre amarela, jamais poderemos esquecer o nome de Emílio Marcondes Ribas (63). Foi êle o ponto culminante no combate àquela virose no Brasil e um dos principais vultos de todo o mundo, chegando mesmo a ser cobiçado por uma nação estrangeira, a França, que viu nêle uma capacidade, apesar de ser aquêle país o cadinho da humanidade onde a maioria das idéias novas e revolucionárias, em qualquer ramo da atividade humana, vinha à luz do dia.

Essa mesma França que tinha em suas mãos uma das mais belas equipes de cientistas, nos diversos campos da medicina, como Calmette (1863-1933), Roux (1853-1933), Yersin (1863-1943), Bouchard (1837-1915), Grancher (1843-1907), Widal (1862-1929), Launois (1856-1914), Richet (1850-1935), Gley (1857-1930), Dieulafoy (1839-1911), Jaccoud (1830-1913), Huchard (1844-1910), Metchnikof (64), Reclus (1847-1914), Brouardel (1837-1906), Nocard (1850-1903), Fournier (1832-1914), Raymond (1844-1910), Berthelot (1827-1907), Foix (1882-1927), Broca (1859-1924), Championnière (1843-1913), Jeanselme (1858-1935), sômente para citar alguns, rodeados de todo o conforto científico e do maior centro de pesquisas do globo, o Instituto Pasteur e tantos outros laboratórios e hospitais, não teve dúvidas de tentar conquistar para si o nosso notável Emílio Ribas, "o esquecido".

Disse Francisco Borges Vieira, em conferência que pronunciou em Campinas :

"Campinas foi o campo de batalha de um general arguto e brilhante, conseguiu triunfar sôbre o mal amarílico, usando processos que só mais tarde se consagrariam no estrangeiro e entre nós e ficariam firmados em bases experimentais e epidemiológicas, processos que viriam permitir o saneamento de diversas cidades paulistas, de Havana, do Rio de Janeiro, do canal do Panamá e outros lugares, em luminosa seqüência".

(60) — Foi esta a mortalidade por febre amarela em Campinas desde 1895 :

1895, 81 óbitos ; 1896, 788 ; 1897, 321, 1898, 3 ; 1899, 2 ; 1900, 2 ; 1901, 0 ; 1902, 2 ; 1903, 9 ; 1904, 0.

(61) — Segundo Licurgo do Santos Filho, em Campinas, em 1899, centenas de pessoas faleceram e outras abandonaram a cidade que, por alguns anos, ficou como cidade morta. "Nos meses de abril e maio de 1889, chegaram a morrer por dia, em Campinas, 25 a 40 pessoas."

(62) — Emílio Ribas ingressou no Serviço Sanitário em 11 de setembro de 1895.

(63) — Vide biografia de Emílio Ribas nota n.º 6.

(64) — Élie Metchnikof não era francês, mas quase tóda a sua atividade científica se desenrolou em França, no célebre Instituto Pasteur de Paris.

Metchnikof nasceu em Panassovca, Província de Carcov, na Rússia, no dia 16 de maio de 1845 e morreu em Paris no dia 16 de julho de 1916. Depois de estar na Alemanha e Suíça e ter lecionado em Odessa fixou-se em Paris, onde chegou a 15 de outubro de 1888.

É de se notar que o método usado em Campinas foi ainda o da desinfecção e isolamento dos amarílicos, além de outras medidas de caráter higiênico que foram, é certo, a morte da terrível virose.

Foram medidas empíricas, como diz Borges Vieira, mas salvadoras. Mais tarde vieram a ser confirmadas em Cuba por Reed, Carroll, Agramonte e Lazear.

Os mais notáveis estudos sobre febre amarela, foram realizados depois de 1902, o que nos permitirá voltar ao assunto, pouco mais adiante, quando este trabalho tiver atingido a altura daquele ano.

A febre tifóide caiu bastante de atividade, com uma diminuição de óbitos importando, talvez, em 25%. Campinas, que outrora foi um dos principais focos desta doença, sentiu sensivelmente sua diminuição, apresentando, agora, casos esporádicos. Este fenômeno é provavelmente advindo da profilaxia da cidade, feita por Emilio Ribas, quando de sua ação contra a febre amarela.

Os estudos dos venenos de cobra e de seus respectivos soros foram continuados, sendo que a cargo do dr. Vital Brazil ficou toda a experimentação a respeito. Várias pessoas fizeram doação de diversas espécies de serpentes vivas e venenosas (65). Os doadores foram: Manuel Martins, Francisco Garroux, dr. Maurício Janmot (66), Francisco Matoso, Miguel de Alvarenga e Diogo de Faria. Foi oferecida recompensa a quem levasse uma cobra ao Instituto (os doadores acima, gratuitamente, levaram suas presas), o que facilitou a obtenção daqueles répteis e permitiu certa regularidade na extração do veneno. Foi, também, inaugurado uma coleção de ofídios, já bastante variada, que serviria, como diz o dr. Lutz, para fins de classificação.

(65) — Em officio de n.º 145 o dr. Lutz assim escreve ao dr. Emilio Ribas: "Sendo muito animadores os resultados das experiências feitas com o sêrum de pequenos animais imunizados neste Instituto, contra o veneno ofídico e que nos leva a convicção de podermos obter dentro de pouco tempo um sêrum preventivo e curativo, convém para completar os estudos iniciados sobre este assunto e para imunizar grandes animais, adquirir-se um número maior de cobras podendo fornecer grande quantidade de veneno, bem como exemplares de espécies que são raras ou não se encontram neste Estado, como por exemplo o urutu e a surucucu.

Constando haver em grande abundância cobras venenosas em alguns dos Estados do norte e do sul da República, rogo-vos que providenciéis, se julgardes acertado, no sentido de serem solicitadas por intermédio do Governo, aos respectivos governadores dos outros Estados as seguintes informações:

- 1.ª Quais as espécies venenosas existentes no Estado ?
- 2.ª Quais as espécies mais abundantes ?
- 3.ª Qual a época e os lugares mais favoráveis para serem apreendidas ?
- 4.ª Poderá o Governo estadual encarregar-se de mandar ao Instituto Bacteriológico de São Paulo, um número maior de cobras vivas das diversas espécies venenosas aí existentes ?

Quando não houver meios de obter exemplares vivos de uma espécie menos frequente a remessa de peles ou de exemplares bem conservados também será de grande utilidade para o estudo da distribuição das espécies.

- 5.ª Qual a frequência das mordeduras de cobras e a mortalidade observada nesse Estado ?
- § No caso de não haver pessoas práticas de apreender cobras, o Instituto poderá fornecer as instruções e os instrumentos necessários.

§ Aproveitando a oportunidade será conveniente ser solicitado as seguintes informações em relação à febre amarela, febre tifóide, malária e beribéri que também constituem ainda estudos para este Instituto.

- 1.ª Qual a frequência de tais moléstias no Estado ?
- 2.ª Quais são os pontos e a época que são observadas com maior frequência ?
- 3.ª Qual a sua mortalidade relativa ?"

(66) — A 2 de junho de 1899 o dr. Lutz mandou uma carta ao dr. Maurício Janmot: Ilmo. sr. dr. Maurício Janmot.

Participando-vos que recebi as cobras que enviastes ao Instituto, cumpre-me apresentar os meus cordiais agradecimentos e aproveito a oportunidade para comunicar-lhe que a gaiola vai de novo ser despachada para aí. Sem mais assunto, subscrevo-me."

Em 1898 foi remetido ao Instituto Bacteriológico uma porção de um preparado que recebeu de seu autor o nome de "Salva Vidas" (67). Era uma alcoolatura da planta chamada "cipó de lagarto", que seu preparador considerou eficaz contra mordedura de cobras ou outros animais peçonhentos. Este líquido foi examinado pelo dr. Vital Brazil, que depois de várias experiências, chegou a esta conclusão: "1.º O preparado denominado "Salva Vidas", não é tóxico nem em doses maiores do que as prescritas pelo seu autor. 2.º É completamente ineficaz no tratamento do envenenamento offídico".

— 1 —

A PESTE BUBÔNICA

O ano de 1899 pertenceu à peste bubônica. Foi um surto originado no porto de Santos, que deu margem a belíssimos estudos que, por sua vez, moveram campanhas difamantes e que ainda gerou um grande acontecimento: a criação do Instituto Seruntherápico, hoje mundialmente conhecido pelo nome de Butantã.

Tudo começou na segunda metade do ano. A mortandade de ratos suspeitos de serem pestosos, fez com que Emilio Ribas (diretor-geral do Serviço Sanitário desde 15 de abril de 1898), decidisse tomar uma série de medidas para evitar o aparecimento de um surto em largas proporções que viria, sem dúvida, provocar uma alarmante situação.

Dentre os médicos do Instituto Bacteriológico, foi destacado para essa missão, o dr. Vital Brazil, que, segundo suas próprias palavras, era o "mais nôvel e obscuro dos ajudantes do Instituto", num repente de modéstia. No dia 9 de outubro partia para Santos, levando consigo, todo o material indispensável a seus estudos futuros, instalando-se no Hospital de Isolamento local.

As pesquisas foram iniciadas com o estudo de ratos vivos, apanhados em locais onde se havia dado a morte de outros. Nesse meio tempo, o dr. Eduardo Lopes da Silva (68), chefe da Comissão Sanitária em Santos, comunicou, no dia 14 de outubro, o aparecimento do primeiro caso suspeito. Era a mulher de nome Rosa Caseiro, residente na rua 15 de Novembro, n.º 39 (Casa Milone, restaurante e botequim), espanhola de nascimento e residente em Santos há três anos.

Todos os sintomas que a enferma apresentava (já estava doente há três dias), eram de moléstia infecciosa e se assemelhavam com os de tifo icteróide (febre amarela), sem, entretanto, ser firmado o diagnóstico. Foi removida, no mesmo dia, para o Hospital de Isolamento, para ser submetida a exames mais detalhados. No dia seguinte outro doente vindo da mesma

(67) — Em 19 de julho 1898, o dr. Adolfo Lutz mandou este offício de n.º 51, ao dr. Emilio Ribas: "Tendo de se efetuar amanhã neste Instituto uma experiência sobre veneno de cobra e o emprêgo do medicamento denominado "Salva Vidas" preparado pelo farmacêutico Francisco Serra Júnior, cumpre-me a honra de vos convidar para assistir a estas experiências".

(68) — O dr. Eduardo da Silva formou-se em medicina no Rio de Janeiro no ano de 1891, colaborando desde então com o dr. Emilio Ribas, no combate à febre amarela. Foi nomeado delegado de saúde de Ribeirão Preto, em 1918, ocupando este cargo até seu falecimento, em 13 de setembro de 1931.

Foi ainda delegado de higiene em Araraquara, em 1893. Ocupou este mesmo posto em São Paulo. O Centro de Saúde de Ribeirão Preto leva hoje seu nome, homenagem esta prestada em 7 de maio de 1943, pelo Decreto n.º 13.353, sendo em 12 de julho do mesmo ano, inaugurada naquele Centro a placa: "Dr. Eduardo Lopes da Silva".

Casa Milone, apresentando calafrios, cefalalgia e febre, foi internado e veio a falecer poucas horas depois, quando dava entrada o terceiro suspeito.

No dia 14 chegou de São Paulo o dr. Adolfo Lutz.

Surgiu o quarto doente 48 horas depois, vindo também da Casa Milone. Junto com o novo doente (4 anos e meio), foi levada toda a família (7 pessoas), ficando internada em separado daqueles que já estavam enfermos.

Dias depois toda a família adoeceu.

Assim continuaram a surgir casos e mais casos, todos suspeitos de peste.

Faleceram nos dias 17 e 18, mais dois doentes, sendo eles autopsiados. A autópsia do segundo (Aristides José Lemos) foi assistida pelo dr. Emílio Ribas, que tinha ido a Santos orientar "in loco", as medidas profiláticas que seriam adotadas.

Finalmente, com todos os exames realizados, a comissão encarregada da verificação do surto declarou oficialmente, no dia 18 de outubro, que a moléstia que grassava em Santos era a peste bubônica. Para isto o Governo paulista mandou publicar a seguinte declaração :

"Pelos exames bacteriológicos e mais investigações nas repartições sanitárias, verificou o Governo que os três doentes, recolhidos no Hospital de Isolamento em Santos, estavam atacados de peste bubônica, confirmando-se infelizmente, as suspeitas que deram lugar às primeiras providências, determinadas pela mesma repartição. O Governo conta firmemente impedir a propagação da moléstia naquela cidade, evitando que ela tome forma epidêmica, graças às enérgicas medidas de que tem lançado mão, obstando que o flagelo se comunique a esta Capital ou a qualquer ponto do interior do Estado.

O Governo confia na calma da população e no seu patriótico auxílio a todas as medidas para isso necessárias".

Foi um Deus nos acuda ! A cidade toda gritou e protestou contra aquela resolução. Não queriam que fôsse peste. Este diagnóstico viria perturbar toda a vida econômica da praça e o prejuízo alcançaria grande vulto, pois que o porto seria evitado e provavelmente interditado.

A cidade não se acalmou. Foi pedida a presença do dr. Rodolfo Chapot Prévost (cirurgião no Rio de Janeiro e falecido em 28 de outubro de 1907). Ao dr. Prévost (também professor da Faculdade de Medicina do Rio e famoso pela operação que praticara, recentemente, num caso de xifopagia) foram feitas demonstrações de um novo caso bem característico (João Fonseca), entrado no Hospital de Isolamento, e que foi por ele estudado. Concluiu também pela peste.

Não se contentaram os santistas e, no dia 22 de outubro, chegou o dr. Osvaldo Gonçalves Cruz (bacteriologista do Instituto de Manguinhos), a convite da Câmara Municipal de Santos, para ver se contrariava o que Vital, Lutz, Ribas e Chapot Prévost haviam decidido. Osvaldo Cruz também confirmou e em 27 de outubro manda ao Governo federal o seguinte telegrama :

"Animais inoculados com cultura pura, proveniente do homem, apresentam sintomas característicos. Do animal doente e do cadáver do animal, isolei a mesma forma bacteriana que do homem. O micróbio isolado do animal e injetado em outros animais, reproduz a mesma moléstia.

Fechei o ciclo pasteuriano para a diagnose da espécie microbiana patogênica. Os critérios clínico, epidemiológico e bacteriológico permitem afirmar categoricamente ser a peste bubônica a moléstia reinante.

Fico completar estudos e preparar material confirmativo do meu asserto".

Oswaldo Cruz fez ainda detalhado relatório ao ministro da Justiça. Depois de discorrer longamente sobre as pesquisas e morfologia do bacilo causador do mal, termina assim :

“1.º — Do organismo dos doentes afetados da moléstia epidêmica, reinante em Santos, foi isolado um cocobacilo de morfologia e biologia perfeitamente determinadas e características.

2.º — Na taxionomia bacteriana, o cocobacilo isolado dos doentes de Santos, corresponde à espécie descrita por Kitasato e Yersin como produtoras da peste bubônica.

3.º — Os caracteres clínicos e epidemiológicos da moléstia que grassa em Santos, quadram-se nos moldes clássicos da peste bubônica.

Do confronto destas proposições, deve-se concluir, pois, que: a moléstia reinante em Santos é a peste bubônica.”

No mesmo dia da chegada do dr. Oswaldo Cruz, isto é, dia 22, o dr. Vital Brazil caiu doente, atingido pela peste que vinha pesquisando. Foi mais uma vítima da moléstia, que, felizmente, não levou a cabo sua ação fatal muitas vezes. O prosseguimento dos estudos foram deixados nas mãos de Oswaldo Cruz, que levou avante o problema.

Apesar de todos os médicos confirmarem o diagnóstico de peste, continuam os ataques violentos, partidos principalmente do comércio santista. Lutz, então, envia a diversos pontos da Europa, culturas e material ganglionar para que as maiores autoridades do Velho Mundo dessem sua palavra. A confirmação foi geral : Metchnikof, do Instituto Pasteur de Paris ; Manson, mestre em medicina tropical em Londres ; Nocht e Dumbar, ambos do Instituto de Higiene de Hamburgo.

Em 24 do mesmo mês de outubro chegou a Santos o dr. Vitor Pereira Godinho, para assumir a direção do Hospital de Isolamento, onde ficou internado Vital Brazil, sob os cuidados profissionais de Oswaldo Cruz, e, agora, do novo diretor do Hospital. A este respeito diz o dr. Vital :

“O dr. Oswaldo Cruz, com a maior solicitude e amizade, acompanhou nosso tratamento — fato que registramos com verdadeiro júbilo e reconhecimento. A este colega e ao dr. Vitor Godinho hipotecamos nossa eterna gratidão pelo que muito fizeram.”

— 2 —

A SAÚDE DE VITAL BRAZIL

Do registro clínico diário do dr. Vitor Godinho, quando diretor do Hospital de Isolamento de Santos, durante a epidemia de peste, salientamos o desenvolvimento da moléstia no organismo do dr. Vital Brazil, que era da forma ganglionar. Vejamos o registro :

“Dr. Vital Brazil, brasileiro, mineiro, cor branca, 34 anos de idade, casado, ajudante do Instituto Bacteriológico em São Paulo, residente atualmente neste Hospital. Adoeceu no dia 22 de outubro, sendo de notar que no dia 20 de corrente tinha tomado uma injeção de 10 cc. de sêrum como preventivo.

No dia 15, à tarde, fizera uma autópsia em rato encontrado morto e o rato achava-se coberto de pulgas que foram mortas a clorofórmio. Algumas delas passaram-lhe para as mãos e para o corpo, sendo de presumir que a infecção se tivesse dado por esse meio. Além disso, o doente, pela natureza de seu cargo e sua competência, tinha feito diversas autópsias anteriormente, quer em cadáveres humanos, quer em ratos ou cobaias.

No dia 22 sentiu mal-estar geral, náuseas, prostrações de forças, dor difusa na região inguinal direita.

Foi-lhe feita uma segunda injeção de 20 cc. de sérum Yersin, depois da qual sentiu-se muito melhor, passando todos os fenômenos gerais, exceto a dor inguinal. À noite nada sentiu, atribuindo tão sensível melhora ao sérum.

Dia 23 — Ao amanhecer não sofria dor alguma, mas, à tarde, sentiu fortes picadas na região inguinal, que, sendo examinada pelo dr. Adolfo Lutz, deixou perceber a existência de dois gânglios engorgitados.

Foi-lhe feita uma nova injeção de 20 cc. de sérum Yersin. Nestes dias, a temperatura tinha sido normal.

Dia 24 — Fenômenos gerais dissipados, sentindo apenas dor forte nos gânglios engorgitados e o doente percebeu que, além daqueles primitivamente engorgitados, e que eram situados pouco abaixo da arcada, havia outros acima dela, também engorgitados.

Temp. às	4 h. da t.	37°2	pulso	104
„ „	6 „ „ „	38°2	„	106 (inj. 20c c. sérum)
„ „	10 „ „ „	38°2	„	106

Dia 25 —

Temp. pela manhã		37°4	pulso	96
„ ao meio-dia		37°5	„	104
„ „	1 da t.	37°9	„	100
„ às	3,30 h. da t.	38°2	„	106 (inj. 20 cc. sérum)
„ „	6,30 „ „ „	38°9	„	110

Às 7 horas da tarde sentiu calafrios. Tomou leite e vinho do Pôrto e transpirou um pouco.

O doente passou todo o dia em estado soporoso. Em todo o caso, sendo acordado, conversava lúcida e mente.

A face apresentava-se vultuosa e corada; olhos injetados. Ligeira icterícia que já era notada desde o dia 23 nas escleróticas.

Dia 26 —

À noite de 25 para 26, o doente dormiu regularmente. Os gânglios apresentavam-se menos engorgitados e menos dolorosos. Temperatura, às 9 horas da manhã, 38°6, com 110 pulsações por minuto.

Nessa hora foi feita uma injeção de 40 cc. de sérum Yersin.

O doente queixa-se de quebramento de fôrças e dores vagas pelo corpo, como os indivíduos infeccionados.

Três horas depois da injeção, isto é, às 12,30 da tarde, temp. 38°9 e, às 3,30, temp. 39°, pulso 110.

O doente acusa dores de cabeça e alguns calafrios, como na véspera.

Temp. às	6,30 h. da t.	38°8	pulso	104
„ „	7,50 „ „ „	39°3	„	110 (inj. 40cc. sérum sólido)
„ „	11,00 „ „ „	39°4	„	118

Sentiu algumas dores no lugar da última injeção que fôra feita no flanco direito, por ter sido já muito injetado no dorso.

Apesar da febre, passou a noite regularmente.

Dia 27 —

Pela manhã, temp. 38° com 100 pulsações.

Já não apresenta a mesma sonolência da véspera. Fisionomia menos vultuosa e mais animada.

Durante o dia sentiu certo desânimo; acusou cefalalgia frontal intensa, que só cedia com aplicações de compressas geladas. Havia 3 dias que não evacuava, pelo que foi-lhe prescrito 40 gramas de citrato de magnésia, que produziu-lhe três evacuações.

Temp. ao meio-dia		38°6	pulso	104
„ às	3 h. da t.	38°6	„	110 (inj. 40cc. sérum sólido)
„ „	6 „ „ „	38°6	„	104
„ „	7,30 „ „ „	38°3	„	110
„ „	10,00 „ „ „	38°4	„	104

Dia 28 —

Temp.	pela manhã	37°8	pulso	96	(doente mais animado)
„	às	10 h. da m.	37°2	pulso	96 (cessaram as dores)
„	„	1,30 h. da t.	37°2	pulso	94 (boas condições)
„	„	7,00 „ „ „	37°8	„	98 (inj. 20cc. sêrum sólido)
„	„	8,30 „ „ „	n. 38	„	92
„	„	11,00 „ „ „	38°	„	92

Dia 29 —

Temp.	às	7,30 h. da m.	37°5	pulso	90
„	„	11 „ „ „	37°8	„	92
„	„	3 „ „ t.	37°5	„	94
„	„	7 „ „ „	38°	„	92
„	„	10 „ „ n.	38°	„	90

Dia 30 —

Temp.	às	7 h. da m.	37°5	pulso	88
„	„	2 „ „ t.	37°8	„	96
Temp.	„	5 „ „ „	37°6	„	90
„	„	9,30 „ „ n.	37°6	„	88

Dia 31 —

Temp.	às	6,30 h. da m.	36°8	pulso	78
„	„	1 „ „ t.	38°	„	106

Com esta nova exacerbação de temperatura coincidiu a aparição de dores reumatóides nas articulações túbio-tarsianas e nos punhos, seguindo-se a elas um eritema difuso na região túbio-tarsiana, eritema que, por sua vez, acabou em legítima púrpura com manchas de 10 centímetros de diâmetro, pouco mais ou menos.

Temp. às 8,30 h. da n. 37°4 pulso 88

Dia 1 de novembro —

Temp. às 7,30 h. da m. 36°5 pulso 80

De então por diante, a temperatura não se elevou acima do normal e o pulso regularizou-se, isto é, pôs-se mais em harmonia com a temperatura.

O doente entrou em convalescença, com grande gáudio de seus colegas e proveito para a ciência. Teve alta no dia 4 de novembro.

Devo consignar que foram inúmeras as atenções de vários colegas que pediam, frequentemente, notícias do doente e que foram tomadas providências para que nada lhe faltasse.

Durante sua moléstia, o doente recebeu a visita dos srs. coronel Fernando Prestes, presidente do Estado, dr. José Pereira de Queirós, secretário do Interior, dr. Emílio Marcondes Ribas, diretor do Serviço Sanitário, dr. Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, dr. Eduardo Lopes, chefe da Comissão Sanitária em Santos e vários amigos médicos.

O dr. Osvaldo Cruz acompanhou a moléstia e tratamento com solicitude e amizade.

Devo, também, consignar que, no transe doloroso por que passou o Estado de São Paulo, o Estado de Minas encontrou-se a seu lado, auxiliando-o a combater o flagelo e mitigando-lhe os sofrimentos. É mineiro o dr. Vital Brazil que fez o diagnóstico bacteriológico da peste e que para o fazer, pôs em risco a sua vida. É mineiro o diretor do Hospital. É mineiro o farmacêutico e, por fatalidade, era mineiro o segundo doente Joaquim Chaves, que foi o primeiro autopsiado."

— 3 —

A ORIGEM DO SURTO

Concluindo seu relatório sobre a moléstia de Santos, Vital Brazil diz: "A característica epidemiológica, a observação clínica e a prova bacterio-

lógica, nos levam a concluir que a moléstia que estudamos em Santos é, sem dúvida alguma, a peste bubônica”.

Não foi fácil a campanha, pois não havia meios suficientes para dar combate à peste, já que faltava o sôro de Yersin, cuja eficácia já havia sido comprovada. Os pedidos feitos ao Instituto Pasteur de Paris, o único estabelecimento do mundo que preparava tal sôro, não puderam ser atendidos com presteza, visto ser grande o número de solicitações de tôdas as partes do globo.

Justamente na ocasião dessa intranquilidade entra, no porto de Santos, um navio francês que foi a tábua de salvação. Emílio Ribas conseguiu que o comandante do vapor cedesse uma certa quantidade de sôro que carregava por precaução. Esta droga serviu para o início da profilaxia.

Como havia chegado a Santos a peste bubônica?

No ano seguinte, 1900, no dia 28 de fevereiro, H. Lawrence, cônsul dos Estados Unidos em Santos escreveu, daquela cidade, a seguinte carta ao dr. Adolfo Lutz :

“Amo. sr.

Agradecendo de antemão tôdas as informações que abaixo peço a v.s., tomo a liberdade de dirigir a presente com referência à aparição e completo desaparecimento da peste bubônica nesta cidade.

Tomando em consideração pelo que me foi possível investigar, o aparecimento daquela peste teve lugar um mês depois da chegada do vapor “Rei de Portugal” neste pôrto e se presume que foi importada por dito vapor, transportada pelos ratos, que muito dos quais morreram de um modo muito particular e antes mesmo da declaração oficial.

Existem muitas contradições do que exponho acima, pois que oficialmente se declara que os ratos morriam pelos efeitos venenosos aplicados pelos empregados da Companhia Docas de Santos, pelo que aparece e pelos exames feitos por v. s. reprovam a idéia da aparição da peste conduzida pelos ratos ou que tenha em qualquer caso, existido entre os mesmos e em combinação com a data do aparecimento.

Enfim, me consta que só houveram 41 casos, 15 dos quais faleceram e 26 se salvaram entre as datas da aparição : outubro 15, 99 e conclusão janeiro 27, 1900, quando o porto de Santos foi declarado limpo (69).

Concluo reiterando meus sinceros agradecimentos pelas informações que peço. Sou com estima e consideração de v. s.

a) H. Lawrence. Acting Cônsul dos Estados Unidos da América.”

Em resposta a esta carta, o dr. Lutz escreveu :

“Ilmo. sr.

Cônsul dos Estados Unidos da América.

Em resposta a sua carta de 28 de fevereiro, tenho de vos declarar que, ao meu ver, a peste foi importada em Santos, por um dos vapores procedentes do Pôrto, seja pelo “Rei de Portugal”, seja por um chegado anteriormente.

(69) — O dr. Vítor Godinho, quando diretor do Hospital de Isolamento de Santos, deu a público, no dia 2 de janeiro de 1900, os seguintes dados constantes do movimento de pessoas atacadas pela peste, naquele Hospital, referentes ao mês de dezembro anterior :

Existiam	14
Entraram	3
Saíram	8
Faleceram	2
Ficam	7

Este número dá o coeficiente de mortalidade igual a 11,76%.

Em janeiro de 1900 existiam 7 pestosos, dos quais 5 saíram e 2 morreram, não restando mais nenhum internado por peste. Neste mês foi de 28,57% o coeficiente de mortalidade.

É perfeitamente verificado que os ratos mortos ou doentes encontrados num armazém da Companhia de Docas, pouco antes do aparecimento da moléstia nos homens, tinham sucumbido à peste e não ao veneno.

Este ponto ficou seguramente estabelecido pelo exame bacteriológico feito por mim e pelos exames clínicos feitos no Laboratório de Análises. Na casa Milone, também foi encontrado um rato afetado de peste.

Em São Paulo, onde examinei perto de 200 ratos, não encontrei nenhum sofrendo da moléstia.

A respeito do número da porcentagem da mortalidade e do tempo de observação dos casos ocorridos, acredito que as informações recebidas pelo sr. estejam corretas.

Com estima e consideração, me subscrevo."

Por esta troca de missivas, podemos observar claramente, qual a origem da peste bubônica manifestada em Santos e qual foi o estrago produzido. De fato, era o mal levantino que já se fazia sentir na cidade do Pôrto — Portugal — e que ameaçava tomar conta da Europa e América.

A respeito da origem da peste em Santos, assim se expressou "O Estado de São Paulo", em sua edição de 17 de outubro daquele ano :

"Procuramos saber donde teria vindo a moléstia para o nosso pôrto de mar, e tudo nos leva a crer que veio da cidade do Pôrto pelo "Rei de Portugal". Este vapor esteve atracado ao cais, dias depois de decretada a quarentena pelo Govêrno federal. Sabendo disso, o dr. Pereira de Queirós, secretário do Interior, telegrafou imediatamente ao dr. Epitácio Pessoa, ministro do Interior da União, pedindo providências. O dr. Epitácio Pessoa respondeu que o "Rei de Portugal" não estava sujeito à quarentena, porque tinha saído do Pôrto no dia 31 de julho e a quarentena era só para os vapores saídos desde 1 de agôsto. Ora, como se sabe, como está verificadíssimo, a epidemia do Pôrto começou no mês de junho, apesar de ter sido oficialmente declarada em 1 de agôsto."

Escreveu a "Revista Médica de São Paulo", tirada a 15 de novembro de 1899 :

"Quis a fatalidade que fôsse o Estado de São Paulo o primeiro acometido — pelo terrível flagelo, que erguia-se ameaçador em Portugal e no Paraguai.

As íntimas relações comerciais entre Portugal e o pôrto de Santos faziam prever, desde que foi declarado o mal naquele país, a possibilidade de infecção do mais importante pôrto de mar do Estado.

As autoridades sanitárias estaduais tomaram, desde logo, as providências que se achavam ao seu alcance, no sentido de evitar a todo transe, a importação do germe.

Infelizmente, porém, a ação de nossas autoridades cessaram quando se tratava da imposição do necessário expurgo aos navios provindos de portos suspeitos.

Ninguém porá em dúvida que o mal veio a bordo de algum navio e, desde então, compreende-se que as autoridades estaduais não sejam responsáveis pela introdução da peste.

O diagnóstico foi firmado com a presteza e segurança ditadas pelo interêsse da saúde pública e a declaração oficial não se fez esperar.

Reproduziu-se então, a mesma cena observada em outros pontos atacados de peste — um movimento de incredulidade e de revolta. O povo não quer que seja peste, porque não convém a seus interêsses. Alguns médicos mal orientados acorçoam a incredulidade e a revolta popular, sem, entretanto, procurarem ver aquilo que negam.

A verdade científica, documentada, mantém-se calma e serena nesta tempestade de paixões, ciente do papel que representa nos sagrados direitos da hygiene pública.

A hygiene de São Paulo, dispondo de um pessoal aguerrido pelas lutas que sustentou com as epidemias de cólera, febre amarela e difteria e de grande quantidade de material de defeza, acha-se habilitada a impedir a devastação que seria de esperar, tratando-se de uma moléstia tão perigosa e dessiminável."

Valeriani; João Florêncio Gomes (irmão de outros dois conhecidos médicos, Luís e Francisco Salles Gomes); Sérgio Paiva Meira Filho (catedrático da Faculdade de Medicina de São Paulo e filho do primeiro diretor-geral do Serviço Sanitário, dr. Sérgio Florentino de Paiva Meira); Teodureto de Camargo, engenheiro agrônomo; Francisco Iglesias, agrônomo; Augusto Estêves, desenhista e criador das figuras em cêra representativas de cobras e lesões, existentes muitas delas, ainda, no Museu do Instituto; Tarcísio de Magalhães; Álvaro Lemos Torres; Otávio de Moraes Veiga; Sebastião de Camargo Calazans; Joaquim Crisciuma de Toledo; Afrânio do Amaral; Costa Pereira; Paulo de Araujo; Alcides da Nova Gomes; F. Hoehne, botânico e organizador do herbário de plantas medicinais; Arlindo de Assis, ex-diretor-geral do Serviço Nacional de Saúde Pública e criador do método concorrente, consagrado mundialmente, de aplicação da vacina BCG; R. Kraus, ex-diretor do Instituto Bacteriológico de Buenos Aires e diretor do Butantã e ainda do Instituto Soroterápico de Viena; José Bernardino Arantes; José Lemos Monteiro, que morreu contaminado pelo tifo exantemático, quando procurava estudar a doença; Paulo Marrey já falecido, e tantos outros.

— 5 —

O FIM DO SÉCULO

O Instituto Bacteriológico terminou seus dias no século passado, com este quadro de funcionários:

Diretor: dr. Adolfo Lutz.

Ajudantes: dr. Artur Vieira de Mendonça, dr. José Martins Bonilha de Toledo e dr. Vital Brazil Mineiro da Campanha.

Escriturário: Benedito Bayerlein Bick (70).

Zelador: Savério Felice.

Serventes: Adolfo Moreira de Camargo e Marcelio Pucci (71), (72).

Em 23 de novembro de 1899, o dr. Adolfo Lutz solicitou da diretoria do Serviço Sanitário a criação de mais um cargo de servente, em vista do grande aumento do serviço de limpeza e tratamento de animais, indicando para o lugar, Antônio de Felice, que entrou em exercício no dia 26 do mesmo mês.

Eram estes os ordenados anuais do pessoal:

Diretor.....	10:800\$000
3 ajudantes.....	28:800\$000
Zelador.....	2:400\$000
2 serventes.....	2:400\$000

Falta-nos o ordenado do escriturario.

A verba mensal destinada ao expediente era de 200\$000 em 1898, sendo que, em 1899, esta mesma verba foi reduzida para 166\$660.

(70) — Em 17 de janeiro de 1899, o dr. Lutz comunica que o escriturário Francisco Gaspar Martins oi dispensado daquele cargo.

(71) — No dia 22 de abril de 1898, entrou em exercício, o novo servente Adolfo Moreira de Camargo, no lugar de Vicente de Marcos, que saiu a 15 do mesmo mês.

(72) — Por officio n.º 1198 de 7 de julho da diretoria-geral do Serviço Sanitário, acompanhando o título de nomeação, foi dada posse ao servente Marcelio Pucci no lugar de Fraugott Peter. O novo servente foi considerado em exercício desde o dia 1.º do mês, visto ter começado a trabalhar neste dia, mesmo sem nomeação.